

Paz, Pátria e Iberismo

DISCURSO proferido na sessão solenne
commemorativa da RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL,
promovida pela "Academia Aveirense,,
no dia 1.º DE DEZEMBRO de 1905



AVEIRO

Off. typ. do «Campeão das Províncias»

1906

Paz, Pátria e Iberismo

MINHAS SENHORAS,

MEUS SENHORES:

PAZ e Pátria são duas ideias por muitos consideradas irreductiveis, de harmonisação impossível deante da tremenda luta que veem sustentando os intolerantes partidarios dos dois extremos.

O seculo XX, que ainda desponta, ha-de certamente ser assignalado, como o foi ao seu nascer, pelos esforços empregados para pôr termo aos conflictos internacionais, se não conseguir ver a sua grandiosa e humanitaria obra, coroada pelo estabelecimento da paz universal.

Já se diz, e com razão, que o successor do seculo das Luzes é o seculo da Paz, e realmente o movimento pacifista hodierno, que se estende por todos os paizes cultos e que vae conquistando dia a dia o maior numero de adeptos, é uma das questões mais momentosas da actualidade; traz suspensas as atenções do mundo civilisado, porque se prende com os mais elevados interesses humanitarios, politicos e sociaes.

Mas esta cruzada bemdita, mil vezes mais santa e evangelica que as fanaticas cruzadas assoladoras da idade media, é tida por muitos como um ameaço para o patriotismo que traçou na historia dos povos as paginas mais rutilantes, e como um perigo para a independencia das nações que em todos os tempos tem preoccupado os homens e os tem impellido aos mais brilhantes sacrificios, ás acções mais acrisoladas, aos feitos mais assombrosos.

Mas o pacifista, meus senhores, nem sempre é um inimigo da patria. O novo credo não tem tantos perigos como muitos timoratos lhe attribuem, porque elle pôde não ser contrario ao principio da independencia das nações.

E' difficil, sem duvida, a harmonisação do sentimento patriotico com o movimento pacifista, mas os exaggeros e as intransigencias é que originam as maiores difficuldades.

Os nacionalistas decrepitos, adversarios de todas as ideias politicas, philosophicas e sociaes modernas, obstem á solução do grande problema com a sua propaganda sectaria e requintadamente egoista, affirmando a moralidade da guerra, a necessidade dos exercitos permanentes e oppõem-se assim á pacificação universal, á consolidação da arbitragem para que convergem hoje todas as nossas esperanças.

Pelo contrario, muitos avançados querem a demolição dos limites nacionaes e a unificação internacionalista, mas estes são tambem quasi todos d'aquelles que promovem a aniquilação de toda a ordem existente por quererem que a terra se afunde n'um mar de sangue, n'um cahos artificial, para que d'ahi surja a anarchia, para que de lá, com a liberdade illimitada, nasça a felicidade completa, expontaneamente, como a monada do seio das ondas do mar siluriano.

Ora o ecletismo é sempre o caminho da justiça. Os exaltados nem sempre dizem toda a verdade, porque a não podem dizer, e nem sempre teem a seu lado a razão que julgam e que pretendem.

Em todos os systemas, mesmo entre os mais erro-

neos, em toda a ordem de ideias, mesmo entre as mais oppostas, encontra-se sempre alguma coisa de aproveitavel por veridico e logico.

O sentimento nacional e o pacifista só poderão ser harmonisados por o ecletismo.

Sendo livres todas as nações, sendo independentes todos os povos, apagados por uma cuidadosa educação os desejos de conquista e as inimizades internacionaes, conciliados pela justiça os interesses que em lucta originam as conflagrações animadas pelo militarismo, poderá ser que a humanidade alcance um estado mais feliz.

E o progresso continuará a sua marcha, porque se desaparece a rivalidade bellica, permanece a concorrência do commercio, da industria, da civilisação; a lucta innocente, o estimulo pacifico.

E não será bem mais admiravel a superioridade e aperfeçoamento artistico, a superioridade e aperfeçoamento das lettras, dos costumes, da sciencia, das industrias, que a superioridade militar, que o aperfeçoamento das armas, dos canhões, das minas, dos explosivos, de toda essa arte cujo fim é a morte do nosso semelhante e a maior destruição na razão inversa do numero agente?

Diga-o a vossa consciencia, resolva-o o vosso coração.

E' paradoxal, pois parecerá absurdo, que eu com as minhas humildes e embryonarias ideias pacificadoras venha a uma reunião d'estas, cujo fim é exaltar o patriotismo, commemorar uma revolução politica e prestar naturalmente homenagem á memoria dos homens que a consummaram, dos vultos da historia que se distinguiram pelo seu valor guerreiro e pelos seus feitos militares, que se immortalisaram pela guerra que hoje combato.

Faço-o, meus senhores, com a maior espontaneidade, e sem me contradizer no meu intimo—eu não quero a guerra porque a vejo injusta, porque a considero desnecessaria para o seculo que começamos a atravessar e porque alem d'isso a julgo deshumana.

Mas eu penso com o meu seculo, e o meu seculo é o seculo XX.

Eu venho elogiar revolucionarios e homens que se distinguiram na guerra, porque sinceramente os admiro; não na sua obra destruidora, mas nos seus fins, no seu valor, nas suas intenções, em si mesmos; porque obedeceram ao espirito do seu tempo e se distinguiram na civilisação do seu seculo, cumprindo os seus deveres, procurando o bem do seu povo, a felicidade do seu paiz, a liberdade da sua patria, a independencia da sua nação.

O pensamento d'hoje não é o mesmo dos tempos em que esses homens viveram, e por isso elles são dignos da nossa admiração, do nosso respeito e da canonisação da historia.

Eu admiro muitos heroes militares pela mesma razão que admiro e me curvo, com todas as pessoas de bom senso, cheio de reverencia, perante a arte, a religião, a sciencia e a civilisação egypcias, pelo mesmo motivo porque admiro e devemos admirar um Confucio, um Solon, um Pytagoras, Archimedes, Ptolomeu, Plinio, a civilisação indo-china, grega e romana e tantos phylosophos, escriptores e sabios da antiguidade que hoje são dignos da maior veneração, apesar de todos os erros que defenderam.

Eu sou um dos adversarios do militarismo. Em theoria não o posso admittir, porque a guerra é para mim presentemente um absurdo e uma iniquidade.

Eu quero a supressão dos exercitos permanentes, mas reconheço que isso se não pode levar a effeito d'um para outro momento e que desgraçadamente, por enquanto, os estados não podem prescindir d'elles.

Mas eu não odeio este soldado nem aquelle official nem o exercito d'um paiz que só procura desempenhar bem a sua missão, servir a sua patria, e portanto cumprir os deveres que lhes são impostos; não, louvo-os como louvo todos os que cumprem as suas obrigações e fazem o que a sua consciencia lhes ordena; o que eu censuro, contra o que eu principalmente me revolto, é contra a organização politica internacional que admite

a guerra e que não quer comprehender que a força não dá a razão nem que o poder não é a norma da justiça.

Se á minha idade tal é permitido, eu direi que sou um dos defensores do movimento pacifista, mas nem por isso deixo de ser patriota e de querer a autonomia das nacionalidades que julgo indispensavel para a felicidade dos povos.

Poder-se-ha acabar com esse absurdo que se chama guerra, poder-se-ha solidificar a paz e estende-la sobre o mundo, sem para isso ser necessario absorver a independencia dos estados legitimamente constituidos e sem ser preciso abolir o principio da liberdade das nações e destruir os marcos que separam as raças. Uma das accusações feitas ao socialismo, ou a uma escola socialista se assim o quizerem, e que infelizmente o fulmina, é a de pretender estabelecer um regimen despotico, abolindo a propriedade particular e a familia, contrariando assim a natureza e todas as aspirações humanas que se resumem na posse e gozo d'uma propriedade particular, ainda que seja das coisas mais insignificantes.

Todos nós sentimos o desejo de termos, fóra da vida social e publica, uma vida privada, na paz d'um lar e no seio d'uma familia que estremecemos e que nos ame, onde se communga nas mesmas ideias, onde se partilha dos mesmos sentimentos, onde se seguem os mesmos costumes, onde as almas se confundem e as aspirações do bem commum se identificam.

Assim as nações, meus senhores, embora alimentem entre si as mais estreitas relações de amizade e necessitem d'uma vida commum em que se auxiliem mutuamente, tambem teem nos caracteres, nos costumes, nas inclinações que constituem a sua nacionalidade, a razão d'uma vida particular, independente da vida dos outros povos, e não podem dispensar essa liberdade que se chama independencia, que vem a ser a garantia da liberdade individual e da inviolabilidade das familias e portanto a base de todo o bem estar.

Que venha a paz, sim, que se estabeleça entre os homens, que venha o mutuo respeito pela liberdade

alheia e pela independencia das nações, essa organização politica que permitta o desaparecimento do militarismo, que hoje, para vergonha da humanidade, é o unico meio de assegurar a autonomia dos estados.

Mas pretender acabar com as nações é um absurdo. Pretender arrancar essas fronteiras que separam o povo portuguez do povo hespanhol, que não é o mesmo, isso, meus senhores, seria um desastre, seria uma iniquidade, seria um crime e seria para nós um aviltamento, se não fosse um impossivel!

Ha sentimentos que não se extinguem e que afrontam no peito humano a tempestade derruidora dos seculos, parecendo contradizer a lei evolucionista, refractarios a toda a successão das civilisações, á transformação do pensamento que caracteriza as epocas e que se mantem inabalaveis, apesar de todo o progresso, no peito que os abriga.

O sentimento da liberdade pessoal e patria é um d'estes.

Em todos os tempos os homens tem procurado, á custa dos mais extraordinarios sacrificios, a autonomia do paiz em que nasceram, que encerra a sua historia, a que o prendem os laços das recordações de infancia e a independencia do povo que é a sua familia e que guarda as tradições dos seus ascendentes.

Como a reforma social que acabasse com a familia, a organização politica que povesse termo aos limites das nacionalidades, arrastaria comsigo uma anarchia fatal, estenderia no orbe terraqueo a revolução desesperada que seria o *dies irae* da sociedade.

Mas é que as utopias communistas cahiram para sempre, e esses systemas sociaes e politicos que se baseiam na quebra do innato sentimento humano da liberdade e da independencia, quer pessoal, quer familiar, quer collectiva, na suppressão da propriedade particular, da familia e dos estados livres, nunca conseguirão implantarem-se emquanto o homem fôr homem.

Que eu não nego a futura possibilidade do seu estabelecimento, porque me não repugna a evolução do homem n'um ente mais perfeito corporea e psychica-

mente, em um anjo se o pretenderem, porque também me não repugna a moderna solução científica do problema anthropologico.

Sim, se o homem algum dia se despir completamente das paixões que hoje lhe rodeiam a alma, se algum dia o egoismo se apagar por inteiro no seu caracter, poderá ser que logrem realisação as utopias socialistas e os planos do internacionalismo absoluto.

Mas hoje não, meus senhores, isso é impossível; nós somos homens, no nosso intimo luctam constantemente as mais oppostas paixões, e o egoismo, sob muitos e diversos aspectos, é uma das mais poderosas, uma que quasi sempre nos domina e que é quasi impossível ser dominada. Nós somos homens, temos o amor proprio e queremos a liberdade pessoal, e temos o amor á nossa patria e queremos-la livre, independente, emancipada.

E é assim que nós não podemos admittir o iberismo, nós os portuguezes que amamos este solo que nossos avós cultivaram, este povo que nos gerou, este estado que tanto custou aos nossos antepassados, esta nação que se distingue, esta patria que um Camões cantou, este povo que tem uma epopeia nos Luziadas e numerosas Ilyadas na sua historia gloriosa.

A federação iberica, seria, com a perda da nossa independencia, a aniquilação da nossa nacionalidade e, assim, a morte da nossa querida patria, a escravisação e desaparecimento do povo portuguez.

Quere-la é querer a nossa total decadencia, é renegar a patria, esta patria que nos foi berço, esta patria que concretisa os feitos nobilissimos d'uma raça de heroes que abriram ao mundo os mares e á civilisação um mundo; é commetter o mais revoltante dos sacrilegios para com o templo venerando do nosso passado!

*

*

*

Affonso Henriques, meus senhores, firmando a independência de Portugal não fez mais que concluir a obra de Viriato que já no seu tempo traduzia as aspirações do povo que defendeu e que tendo uma descendência e um viver differente do dos outros da península, não podia ser feliz na promiscuidade, como o não são nunca os povos em identicas condições.

O povo de Viriato e do rei conquistador era um povo que tinha direito á sua autonomia, um povo que não podia supportar o governo estranho, porque constituia uma verdadeira nação.

E, quando no seculo XII, meus senhores, explodiu o fermento da nossa patria e esta se individualisou, na península reinava a desorganisação medieval, havia uma confusão de direitos, uma quasi que anarchia, e não havia uma auctoridade superior verdadeira, propriamente definida, contra quem nos revoltassemos — Affonso VII era um soberano nominal, se pôde dizer, e além d'isso os governantes existem para bem dos povos e não os povos para bem dos governantes, como geral e descuidadamente se pensa.

A Edade-Media, na pujança do seu espirito bellico e com o seu feudalismo extenso, era a primeira a despertar o desejo de emancipação e a fomentar a formação de novos estados.

Um povo, pois, como o das terras de Portucale, tão diverso em costumes dos restantes da península, não ambicionaria a sua separação dos que lhe eram estranhos?

Decerto. E seria criminosa ou illicita essa pretensão?

De fôrma alguma, e não o era porque elle constituia já uma nação distincta e a nação para ser feliz deve ser independente, governar-se pelas suas leis, gozar uma completa autonomia, reger-se segundo as suas tradições e dirigir-se pela mão de magistrados seus.

Bem disse Luciano Cordeiro: — «Portugal desagregou-se da monarchia leoneza, como no reino vegetal se desagregam os organismos quando teem attingido as condições de vida propria⁽¹⁾».

Sim, meus senhores, a nossa independencia foi legitima, e a nossa separação dos outros estados foi justa!

*

*

*

Como se formou o estado portuguez? Como se engrandeceu o pequeno reino que a espada de Affonso Henriques ergueu?

Formou-se á custa das conquistas dos bravos da infancia da nossa patria, á custa dos portuguezes que, palmo a palmo, arrancaram da mão dos serracenos intrusos o territorio em que nos estendemos. Que direito tinha, pois, a Hespanha a derrubar o nosso throno, a tirar a independencia ao povo que se firmara em Aljubarrota e conquistara Ceuta e desvendara os mares e calcára impavida e gloriosamente as areias africanas e passára o Cabo das Tormentas e chegára a Calicut e abordára a Santa-Cruz, um povo que produzira um Condestavel, um Infante de Sagres, um Gama, um Cabral, um Albuquerque e um Camões?

Nenhum. Este paiz conquistara a sua independencia politica e consolidara a sua nacionalidade; tinha uma historia, uma historia fulgentissima, exuberante de heroismos e de façanhas illustres, em que se erguem vultos estranhos que encarnam a alma do povo e que n'ella gravaram inscrições scintillantes que jámais se extinguirão.

O povo portuguez tinha já uma historia notavel, immorredoura; tradições, costumes, lingua e litteratura

(1) Citado pelo sr. Accacio Rosa no seu livro «A nossa Independencia e o Iberismo».

próprias, quando chegou a desgraça do reinado do cardeal-rei; elle tinha attingido uma completa particularisação, a sua confusão com Castella era impossivel, a união iberica um absurdo e, se ella se consummou, foi uma infamia, foi uma violencia, foi uma tyrannia imposta brutalmente pela superioridade da força militar.

O Diabo do Meio Dia, acorrentando a nossa patria á grande monarchia hespanhola só teve em vista o alargamento dos seus dominios e a expansão do seu poderio, — elle queria — não engrandecer e tornar feliz o nosso povo — mas cingir mais uma corôa, uma corôa ornada com as amethystas de glorias famosas, empunhar mais um sceptro cravejado de brilhantes dos feitos dos grandes heroes dos seculos XV e XVI, sentar-se n'esse throno riquissimo que outros doiraram e domirar na patria d'esses genios que se acabavam de extinguir e que assombraram o mundo inteiro com os seus feitos singulares!

Meus senhores:

A ambição de Philipe II e o odio de morte que nos votava o povo hespanhol a que ainda doiam os golpes duros de Aljubarrota, eram a alma do iberismo do seculo XVI.

Os ibericos de então conseguiram o seu intento, mas por meio da corrupção, da força, da injustiça; subjugaram-nos, roubaram-nos a nossa independencia, impozeram-nos o seu poder, esmagaram a nossa patria!

Portugal succumbira ás suas mãos.

A patria de Camões e de Phebo Moniz, depois da grande apothese dos seus descobrimentos e das suas conquistas famosas, depõe as suas galas, envolve-se n'uma funerea mortalha e precipita-se no tumulo ao sentir o baque do sublime cantor das suas glorias!

E sobre a sua campa, o iberismo triumphante do seculo XVI cantou um Te-Deum solemne, como sobre o esqueleto do mamífero solta seus lugubres ais, o abutre que lhe devorou as carnes.

*

*

*

Meus senhores:

Talvez que eu seja demasiadamente ingenuo, mas eu creio nas boas intenções de muitos partidarios da federação iberica.

Mas nem por isso os devemos e podemos seguir; e não sou eu que o digo, são homens eruditissimos e de auctoridade innegavel — a união iberica teria hoje as consequencias que teve pela usurpação philipina. O novo estado seria sempre o hespanhol — os ibericos não nos illudem. Portugal converter-se-hia rapidamente n'uma simples provincia do novo estado, sem nada de proprio, sem a menor prerogativa respeitadora das suas tradições; a nossa historia passaria a ser uma pagina da historia hespanhola, os nossos heroes sumiriam-se, as nossas glorias offuscar-se-hiam, o funcionario, a litteratura, o costume hespanhol precipitar-se-hiam no nosso territorio, o portuguez seria aniquilado em tudo, e o povo portuguez, e a nossa patria, meus senhores, encontraria n'essa fusão um sarcophago eterno, onde, transformada em dissecada mumia, jámais lograria vida, honra e nome; ahi ficaria para sempre morta, para sempre sepultada, como o egypcio no seu subterraneo e esquecido tumulo.

E isto nenhum portuguez que prese a sua dignidade poderá querer, nenhum portuguez que tenha co-ração, ninguém que ame a sua patria, o seu povo, que admire e respeite a sua historia por tantos motivos epica!

Pretender que os dois estados da peninsula só poderão encontrar prosperidade na sua junção, na destruição das suas fronteiras, na fusão dos seus governos, e que a paz só poderá considerar-se firme quando esses limites desaparecerem, parece-me bem que é uma loucura.

A meu ver, a paz universal só se poderá estabelecer quando as verdadeiras nacionalidades forem ver-

dadeiramente independentes, porque só então se poderão conciliar a liberdade e os direitos individuaes, familiares e nacionaes, com os interesses geraes da humanidade.

Que nos prenda a amisade, que nos auxiliemos, que o commercio e a industria se completem, muito bem; mas que nos conservemos separados, um ao lado do outro, tendo vida independente, guardando cada um no seu peito a veneração pelo seu passado, o amor pelo seu povo, pela sua nacionalidade e pela sua patria.

Portugal jámais se poderá confundir com a sua vizinha Hespanha. A creança, embora seja o resultado da intima união dos principios geradores humanos, desde que viu a luz do dia jámais se poderá confundir com os organismos que a produziram, e embora a una a seus paes a maior affeição, nunca se poderá com elles identificar — é que essa creança é um individuo.

E a nossa patria nem nasceu rigorosamente dos outros estados hispanicos; não nasceu d'elles, nasceu quando elles existiam, e separada e individualisada, tomou um rumo independente, tornou-se um organismo politico distincto que jamais se poderá fundir com outro qualquer.

A lingua, a vida, as tradições, a historia e todos os nossos caracteres ethnicos, separam-nos inteiramente da Hespanha, e a nossa fusão nunca se poderá consummar enquanto os movimentos historicos forem dirigidos pelas leis mais ou menos desconhecidas por que até se teem regulado, como impossivel é a união dos planetas enquanto persistirem as leis cosmicas que hoje governam a materia.

*

*

*

Meus senhores:

Ha datas que não se apagam e recordações que nunca passam, feitos que enobrecem e resoluções que

immortalisam, façanhas que glorificam e espectáculos cuja imagem nunca se extingue.

Assim é 1640.

O 1.º de de dezembro de 1640 é uma d'essas datas; a revolução restauradora é um d'esses feitos, é uma d'essas recordações, é um d'esses espectáculos que impressionaram vivamente a alma d'um povo que jámais a esquecerá.

E por isso o iberismo não triumphará hoje.

O iberismo do seculo XVI, que tambem teve no nosso paiz adeptos, homens sem sentimentos e sem dignidade, em que o dinheiro pesou mais que a honra e que o amor da patria, e que o dever, encontrou na alma do povo portuguez a maior das opposições, o maior dos obstaculos, — essa barreira que se não vence e essa vibração para que não existem barreiras — encontrou no intimo do povo portuguez — o amor!

O amor, meus senhores, essa paixão que não se impede e esse sentimento que não se exprime; — o amor, essa volição que zomba das contrariedades e que não conhece impossiveis, esse Titan que escala o Olympo e edifica Babeis, essa força sobrenatural que domina o braço mais forte e electriza as multidões que voam a tomar Bastilhas!

Sim, o amor da patria foi o grande obstaculo que a dominação hespanhola encontrou, o amor da patria, arreigado profundamente na alma nacional.

O patriotismo portuguez não expirara com a patria, ficara bem vivo, ficara nos corações, resistindo a tudo, para apparecer no dia 1.º de dezembro de 1640 e dizer-lhe, á amada patria do Gama e do Camões que jazia enfiada no seu sepulchro — *surge et ambula!*

Ergue te e caminha! eis as palavras magneticas que os quarenta heroes de 1640, condensação do sentimento nacional, personificação do pensamento popular, disseram a Portugal n'esse dia que é o seu monumento, n'esse dia que é a aurora da sua redempção, n'esse dia que é a grande gloria do nome portuguez!

Palavras estranhas que o acordaram e lhe deram a independência que hoje mantem e ha de manter em-

quanto os portuguezes tiverem alma e o homem coração, emquanto a nossa historia fôr lida e os echos dos Lusiadas se não extinguirem e emquanto no nosso pantheon existirem as cinzas dos heroes do nosso passado, dos immortaes da nossa historia; emquanto a Batalha, os Jeronymos e tantos outros monumentos da arte e da litteratura attestarem o nosso vitalismo, a existencia de um povo que venceu em Aljubarrota, e descobriu a India e tem na sua historia de ouro datas como a da sua restauração, que hoje celebramos.

E que venha o iberismo contemporaneo e procure abalar os alicerces da nossa autonomia, venha o iberismo d'hoje e bata ás portas da nossa patria, que de dentro lhe responderá a voz da nossa alma portugueza, dizendo-lhe: — foge! a bandeira que nossos avós teceram e nos legaram, havemos de a saber guardar tão immaculada como no dia em que os conjurados de 1640 a ergueram no alto da cidade do marmore!

Os raios coruscantes d'este sol brilhantissimo que nos dão vida e nos aquecem, deslumbram-os e cegam-os a elles, que querem dirimir a nossa independencia, abolir a nossa emancipação e apagar no nosso peito a chamma do patriotismo!

Meus senhores: o dia de hoje é o fulgente diadema da nossa gloria!

E bemdita seja a revolução que restituiu a liberdade ao povo vexado, bemditos os heroes que a realisaram, bemdito esse dia memoravel em que o nosso povo quebrou os grilhões ferreos que o algemavam ao destino da nação estranha e oppressora!

Tenho dito.



Alberto Souto Ratôla

Paz, Pátria e Iberismo

DISCURSO proferido na sessão solenne
commemorativa da RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL,
promovida pela "Academia Aveirense,"
no dia 1.º DE DEZEMBRO de 1905

bibRIA



AVEIRO

—
Off. typ. do «Campeão das Províncias»
—

1906

H'

MOCIDADE ACADEMICA



*Unamo-nos pelos
corações, aprendamos
para sermos úteis, e
trabalhemos pelo bem
de todos!*



Alberto S. Raíola

Do Lyceu Nacional d'Aveiro.

ESTE DISCURSO

bibRIA

As pessimas circumstancias em que este discurso foi pronunciado, bem como algumas accusações menos justas que, passado o 1.º de Dezembro, me foram feitas com respeito ás ideias n'elle expostas, á minha orientação intellectual e á paternidade da producção, assim como o desejo de propagar no meio em que me encontro as doutrinas que sigo sobre os assumptos escolhidos, isto é, de vulgarisar, principalmente entre os meus collegas, o pensamento pacifista subordinado ao sentimento patriótico, defendendo a autonomia das nacionalidades e consequentemente a independencia da nossa Patria, combatendo ao mesmo tempo a guerra, a organização militarista, o internacionalismo e, em especial, a unificação iberica, levaram-me a faze-lo imprimir agora n'este volumezinho, já depois de ter sahido no *Campeão das Províncias*, patenteando-o assim tambem á mais publica e ampla apreciação, que mais uma vez provo não temer.

Fazendo isto, eu sei que me exponho á critica mais inexoravel, e muito tenro ainda para arrostar com os seus terríveis *douches*. Mas eu quero aprender, quero experimentar, quero ouvir reprehensões e conselhos, porque vejo ser esse o caminho do aperfeiçoamento.

Que elle não tem valor oratorio nem politico, conheço-o bem; mas eu tambem não lh'o pretendo.

Não tem fórma excellente e recommendavel, nem originalidade, que é um poleroso narcotico para a critica, mas para a critica de balcão, ou maledicencia, que será a unica talvez a ligar-lhe importancia.

Para mim elle tem, ainda, o merecimento das produções dos nossos dezesete annos, é uma recordação da minha juventude que deixo archivada.

Para os outros tem, pelo menos, o valor de lhes noticiar ou recordar as questões importantissimas que tão de leve trata, de lhes chamar para ellas a attenção e de lhes poder despertar algum interesse por tão elevados assumptos em que todos nós hoje devemos pensar, por que ellas se relacionam de perto com o nosso destino, da nossa sociedade, da nossa Patria e até de toda a humanidade.

bib*RIA

Accusaram-me de incoherente, dizendo que eu me tinha, em varios escriptos, revelado socialista, quando n'este discurso fallei contra o socialismo.

Quem isto diz, é quem não sabe o que é o socialismo se não talvez por ter ouvido fallar d'elle nos jornaes, desconhecendo completamente os seus principios, as suas phases, as suas escolas, as suas aspirações.

Nunca me declarei abertamente partidario de tal systema, do collectivismo total, entende-se, nem de nenhum dos seus ramos, porque me parece que um rapaz, como eu, nunca se póde nem deve filiar em escola ou partido algum, social ou politico. Isso seria, senão perder-se, pelo menos estragar-se muito, se não fosse mais ou menos ridiculo.

Para que me declarar collectivista hoje, se eu ando a estudar, a aprender, a instruir-me, se as ideias n'esta idade se modificam com a maior facilidade, se o pensamento se evoluciona sempre com as luzes e conhecimentos a cada instante recebidos?

O que eu desejo é descobrir a verdade. Eu tenho sempre e

em tudo, um principio em perspectiva e que procuro observar — rectidão e independencia.

A minha curta experiencia da vida tem-me mostrado que o homem para ser verdadeiro e justo, deve ser completamente independente de tudo e de todos, excepto da sua consciencia e da sua razão. O homem de systema, o partidario ferrenho, o partidario devotado, como por ahi se diz, que pôe de parte a sua liberdade de pensamento, critica e analyse, para obedecer cegamente ás ordens d'outros homens, nunca deixa de cahir em alguns erros, embora os reconheça como tal, o que não é tão facil succeder áquelle independente que só aspira á verdade e á justiça, e que não duvida ir busca-las seja a que campo fôr.

Em erros cahirei, apezar d'isso, eu e todos os que assim pensarem — *errare humanum est* —, mas parece-me ser esta a estrada mais certa, este o caminho mais seguro.

Escutando os conselhos de todos, experimentando todos os methodos, observando todas as opiniões, comparando todas as ideias, estudando tudo em todos os seus diversos aspectos, guiando-nos pela estrella da analyse livre, é o meio porque no meu humilde intender, se pôde fazer a eleição e descortinar mais facilmente a verdade.

Não sou socialista, quer em rigor, quer no sentido banal em que por ahi tomam esta palavra muitos que se dizem socialistas simplesmente por conhecerem as tres palavras — Liberdade, Igualdade e Fraternidade — e os tres oitos do socialismo; não sou socialista, hoje, porque não acceito alguns principios d'esta escola, como aquelle a que me refiro no meu discurso, embora admire e acceite e defenda muitos outros, por ver n'elles uma solução para o problema social, melhor que a apresentada por qualquer outro systema até hoje inventado.

Combato a socialisação da propriedade e desejo uma repartição mais equitativa das riquezas e dos productos do trabalho; e combato a socialisação da propriedade, isto é, o principio communista, pela mesma razão que combato a abolição da independencia e autonomia das nacionalidades.

E não se veja n'isto uma renuncia ás ideias por mim expostas ácerca da questão social, da situação do proletariado, das desigualdades sociaes, da educação e de muitos outros problemas em que por vezes tenho pensado.

Não deixei, pois, de ser um revoltado contra a ordem social

existente; sou-o porque me não posso conformar com este estado que glorifica a força e opprime o direito e a razão, que exalta o ouro e calca a honra, a dignidade e a consciencia e que sanciona todas essas injustiças e inconveniencias de que a sociedade d'hoje faz luxo.

Com respeito ao assumpto que escolhi, reconheço, em parte, que fui muito arrojado ou um pouco atrevido.

Mas não m'o desculparão aquelles que julgam possuir o exclusivo dos assumptos serios, o monopolio das discussões elevadas, do raciocinio e do pensamento?

O discurso foi feito para uma reunião commemorativa da nossa restauração.

Seria descabido o meu thema?

Até hoje nada ouvi a tal respeito. O que eu ouvi foi uma unanime e justa censura á demasiada extensão do discurso, ao desenvolvimento que dei á these, o que era improprio d'uma sessão solemne em que fallavam muitos oradores e em que o auditorio em breve se enfadava.

Foi talvez o meu maior erro, consequência da grande complexidade dos assumptos que escolhi, sobre que, afinal, muito pouco disse, erro que já tenho evitado posteriormente, porque, sendo-me apontado, o reconheci sem a menor relutancia.

Fallei no iberismo, unicamente para o recordar á assistencia n'aquelle dia, para o condemnar tambem, para exaltar o patriotismo portuguez e avivar o amor á nossa Patria, porque sobre elle já ha muito se tinham dito as ultimas palavras.

*

*

*

Ahi vae, pois, o discurso, aspirando só ao reconhecimento das intenções que lhe presidiram, e a que se pense n'aquillo de que elle trata, mas mais largamente, com mais cuidado, com mais estudo, com mais vagar.

Que ninguem se occupará d'elle se não para o extirpar e retallar com o bisturi da ironia, como é costume, desconfio eu, porque, no dizer de certa gente, quem é rapaz não raciocina, quem é estudante não pensa, não tem direito a pensar, e assim, quando

algun novo, com vontade de progredir, se abeira d'um assumpto serio, ainda que com a maior humildade, é quasi sempre recebido á ponta de bayoneta da critica implacavel e da ridicularisação esmagadora, por aquelles mesmos que o deviam dirigir e animar e que tinham obrigação de lhe inculcar respeito e interesse pelos assumptos de utilidade publica.

Pois esta minha modestissima publicação pôde tambem ser encarada como um protesto contra o desprezo, contra a indifferença a que por muitos é votado o estudante portuguez, contra a forma injusta e indigna porque é tratado, contra a educação e orientação estupidas que ordinariamente lhe dão na sociedade e na convivência, que lhe não permitem tentativas nem a menor expansão do seu pensamento, que lhe fazem definhar todo o desejo de emancipação intellectual e moral, e que fazendo d'elle, hoje, um automato, só o preparam para no futuro engrossar esse grande exercito de imbecis que é a causa da decadencia nacional, e cuja diviza é o cynico e apathico—*laissez faire, laissez passer*; isto é, uma educação que o transforma n'um irrisorio manequim movendo-se nas mãos d'uma oligarchia revoltante.

Pois aqui vão palavras d'um estudante, d'um estudante que quer pensar, e que pensa, e que sente o que n'estas palavras diz.

Estigmatizem-me por condemnar a guerra, prégar a paz e amar a minha patria.

Ou ridicularisem-me por me querer desenvolver e encaminhar no bem, por expandir o meu pensamento e fazer propaganda dos meus ideaes.

Ou queimem-me em effigie, por desprezar preconceitos e pretender salvar-me da medonha inundação de fleugma e indifferença em que vão arrastadas tantas gerações e onde se perdem muitos que seriam outras tantas glorias se soubessem e quizessem resistir á asphyxiante vaga.

Este discurso dictou-m'o o meu coração, brotou do fundo da minha alma juvenil.

Estas palavras são o meu peito: cravai-lhe um punhal de reprovação ou apertai-o de encontro ao vosso n'um abraço de incitamento!